

humanitas

Vol. III

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLUME III



COIMBRA

MCML - MCMLI

Serve de remate a esta primeira parte um capítulo especialmente dedicado às numerações romana e arábica.

O *Dicionário di abbreviature*, ao longo de 405 páginas a duas colunas, é a parte fundamental da obra. Para cada letra, apresentâ inicialmente uma série de maiúsculas e minúsculas (capital rústica, uncial, semiuncial e gótica), a que se seguem as principais abreviaturas das escritas cursivas em uso do séc. vm ao séc. xv.

A fim de facilitar a interpretação, toda a abreviatura é esclarecida por um parêntese, que repete, em caracteres de imprensa, as letras de que esta se compõe. Ao lado e com a indicação do século, figura a explicação da abreviatura, em caracteres comuns ou em cursivo, conforme se trata de latim ou de vulgar. Para elucidação dos interessados, indica-se ainda a fonte dos documentos, bem como a espécie da abreviatura respectiva.

Enriquecem e completam o *Dicionário* nove transcrições de outros tantos fac-símiles e uma centena de páginas sobre siglas e abreviaturas epigráficas.

Como é frequente em obras deste género, tem o livro de Cappelli alguns lapsos tipográficos. A título de exemplo, registamos os seguintes: *praesene* por *praesens* p. xxi, *sacundum* por *secundum* p. xxi, *a ersus* por *aduersus*, p. 9, *arguend* por *arguendi* p. 22, *Aristotels* por *Aristoteles* p. 22, *acqua* por *aqua* p. 29, *Bena iudicauit iudex* por *Bene iudicauit index* p. 33, *apituli* por *capituli* p. 42, *C mitissa* por *Comitissa* p. 59, *ostesum* por *ostensum*, p. 251, *Adiutrix sexum pia sextum fidelis* por *Adiutrix sextum pia sextum fidelis* p. 431, *Ad quigentos pedes* por *Ad quingentos pedes* p. 431, *Annot vixit* por *Annos vixit* p. 436.

Estamos em crer que nas futuras edições a Casa Hoepli conseguirá remediar algumas destas falhas. Seja porém como for, elas de modo algum podem obstar a que a quarta edição do dicionário de Cappelli testemunhe, mais uma vez, o bom acolhimento que o público tem dispensado aos «Manuali Hoepli» e à sua louvável campanha de divulgação cultural.

LUCIANO JUSTO RAMOS.

Jean Cousin — *Bibliographie de la langue latine: 1880-1948**

Paris, Les Belles Lettres, 1951. xxiv -f 375 pp.

Desde há muito anunciada, e esperada, saiu recentemente a lume esta obra na valiosa «Collection de Bibliographie Classique» dirigida pelo Prof. Marouzeau, da Sorbona.

Da riqueza do seu conteúdo, que compreende para cima de 50.000 indicações bibliográficas^ só poderá avaliar quem se der ao trabalho de percorrer detidamente estas centenas de páginas enriquecidas de documentação sobre todos os aspectos que o estudo científico da língua latina oferece, desde os problemas da linguística geral, nas suas relações com o latim, até às mais especializadas questões de pormenor no domínio da lexicografia geral e particular de muitos autores antigos, passando por todas as secções em que se subdivide a gramática tradicional, com exclusão da filosofia da linguagem, da métrica e da prosódia. Sistemáticamente se excluem os trabalhos de carácter linguístico meramente empírico, como sejam, por exemplo, as gramáticas puramente descritivas e as edições escolares de textos, não obstante algumas destas conterem elementos muito aproveitáveis para melhor compreensão dos respectivos autores.

O termo *a quo*, ano de 1880, é a data da publicação do *Grundriss für Vorlesungen über die lateinische Grammatik*, de E. Huebner, obra idêntica a esta de Cousin, no referente à gramática latina. De então para cá outros repositórios bibliográficos se publicaram, mas de âmbito mais vasto, e reservando, por isso mesmo, espaço restrito à documentação sobre a língua.

J. Cousin, na organização deste volume, não se limitou a aproveitar de todas essas tarefas parcelares, mas completou-as com a recolha de materiais, principalmente nas inúmeras revistas resenhadas logo no princípio do seu trabalho. Mas não se limitou a isso. O seu mérito principal reside na coordenação e sistematização, e na joieira que necessariamente se impunha efectuar, para só registar os títulos de livros e artigos que contêm autêntico valor científico.

Tomou, como termo *ad quem*, o ano de 1948, por causa do atraso da maior parte das publicações periódicas, motivado pelas dificuldades criadas pela última guerra e subsequente situação internacional e económica.

A leitura deste livro, tão recheado de indicações bibliográficas indispensáveis ao estudioso da língua latina, sugeriu-me algumas reflexões que não posso deixar de registar com tristeza.

E seja a primeira o não ter encontrado nas suas páginas o nome de um só autor português. A que atribuir esta ausência ? A descuido do organizador? Em boa parte, julgo que sim, pois quer-me parecer que, bem vasculhadas, as nossas revistas apresentam artigos ou notas de carácter etimológico, semasiológico, toponímico, etc , que mereciam as honras

de registo. Mas, afóra estes casos esporádicos, o motivo principal é certamente o pouco interesse que os estudos da Antiguidade Clássica despertaram durante muitos decénios em Portugal. Enquanto, para além dos Pirenéus, esses estudos desde princípios do século xix iam tomando de ano para ano maior incremento, entre nós sucedia exactamente o contrário. Não se acompanharam os progressos da linguística comparada, não se apetrecharam as bibliotecas com as obras fundamentais que se iam publicando, nem com as colecções de revistas que pouco apouco iam surgindo por toda a parte. Não é, pois, para estranhar que, embora um ou outro apaixonado por esta espécie de estudos e um ou outro especialista categorizado se possa apontar no ambiente cultural português, praticamente seja reduzido o trabalho de investigação científica, pois a ciência, mesmo no domínio da linguística e da literatura, não se cria *ex nihilo*. E assim se foi estabelecendo pouco a pouco a situação de inferioridade em que se encontram hoje em dia os cultores da Antiguidade Clássica e dos problemas que interessam ao genuíno humanismo, se compararmos as condições em que se vêem obrigados a trabalhar com as facilidades que rodeiam os seus colegas do estrangeiro.

Esta triste situação avulta de modo trágico no ensino universitário. Só quem tem de o ministrar avalia o que significa estar informado dos meios de trabalho, por meio de obras análogas a esta de que falamos, e não ter a possibilidade de encontrar em nenhuma biblioteca portuguesa grande número de livros e revistas a que nelas se faz alusão. Claro está que só por milagre também os alunos conseguirão ganhar amor aos estudos da Antiguidade Clássica, num ambiente em que quase tudo se conjuga para os desanimar. Se me é permitido invocar a minha experiência pessoal de onze anos de ensino universitário, tenho encontrado muitos alunos que, apesar de tudo, conseguem entusiasmar-se, mas que, ao se proporem encetar este ou aquele trabalho escolar, ao lançarem ombros a uma dissertação, chegam a desanimar, por esbarrarem logo de entrada com a pobreza mais que franciscana das nossas bibliotecas, para não falar já do regime de trabalho nas bibliotecas públicas.

Por isto, e por considerações idênticas que não teríamos dificuldade em alinhar, não estranhemos, ao menos em parte, que os classicistas portugueses brilhem pela ausência nesta Bibliografia da Língua Latina. *Ad impossibilia nemo tenetur*, dizem os filósofos. E nenhuma pessoa sensata deixará de lhes dar razão.